

MUSEU DA PESSOA

História

Sonho por um fio

História de: [Eric](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 00/00/0000

Sinopse

Aos doze anos Eric se assumiu homossexual. Desde então teve problemas familiares, envolveu-se com drogas e prostituição. Achava que não tinha futuro até ingressar no Projeto ViraVida, no curso de Hospitalidade. Agora, Eric considera-se cem por cento mudado. Voltou a sonhar e a fazer planos, explorando seu talento como cabeleireiro.

Tags

- [drogas](#)
- [transformação](#)
- [cabeleireiro](#)
- [violência sexual](#)
- [exploração sexual](#)
- [prostituição](#)
- [sonho](#)
- [projeto social](#)
- [adolescência](#)
- [talento](#)
- [família](#)
- [homossexualidade](#)
- [desilusão](#)
- [Projeto ViraVida](#)

História completa

Minha mãe trabalha com jogo do bicho e meu pai é caminhoneiro. Eu sempre morei com a minha mãe. Ela se esforçava, trabalhava muito pra dar tudo pra nós quatro. Eu tenho três irmãs e um irmão. Sou o caçula.

Minha infância foi feliz. Tinha muito papapico, presente, mas aí depois veio uma situação rígida, quando eu decidi falar pra minha mãe o que eu era realmente, o que eu queria.

Com uns doze, treze anos de idade me assumi homossexual, porque eu via todo mundo na rua, nas famílias, assim, se sentindo bem, eu não me sentia bem porque eu tentava fazer as coisas, bem que eu tentava.

Eu sempre gostei de mexer com cabelo, mexer no cabelo das minhas primas, da minha tia, aí me falavam “Ai, isso é coisa de menina, não faz isso”, e me pressionavam, aí eu me sentia pressionada com aquilo. Não sabia o que fazer, aí eu decidi falar pra ver se parava um pouco aquela pressão. Depois de me assumir, me senti mais feliz porque assim eu demonstrava uma coisa que eu sou mesmo, não tinha uma máscara em mim, geralmente, eu vivia com uma máscara.

Aí quando eu assumi, eles não me aceitavam no começo, começaram as brigas em casa. Primeiro foi meu pai, a gente se desentendeu, aí é por isso que até hoje eu não falo com ele, ele não fala comigo. Do começo do ano passado pra cá que minha mãe já veio aceitando bem. Tem um irmão que eu não converso muito com ele, sabe, só na base do: “Oi, tudo bem?”, os outros ainda conversam comigo e tem a minha irmã que me apoia pra caramba.

Eles brigavam muito, me pressionavam muito. Me sentia entre quatro paredes, sem poder fazer nada, aí eu preferia ir pra rua. O pessoal da rua me entendia mais do que dentro de casa. Eu fiz novas amizades, não ia mais pro colégio, ia pra outros lugares, eu fui conhecendo pessoas de vários bairros, aí nisso eu não sentia vontade de vir pra casa, não queria voltar pra lá. Tinha mães dos meus colegas que me apoiavam, mas também as más companhias que falavam: “Bora pra ali, bora pra tal festa”. Aí eu falava: “Eu não tenho dinheiro”. “Bora, não sei o quê.” Aí eu ia com eles.

A minha mãe trabalhava. Ela me apoiou, mas dinheiro ela nunca gostava de dar na minha mão, então eu ia pra rua e conseguia o dinheiro, às vezes eu fazia cabelo, eu cheguei até a mexer com droga pra conseguir dinheiro. Foi quando eu queria ir pra uma festa, que um colega meu falou: “Bora”. Aí eu falei que eu não ia, que eu estava sem dinheiro. Eu falei: “Não, minha mamãe não vai deixar, ela não gosta que eu saia”. Aí ele falou: “É o seguinte, se tu for, se tu vender metade dessa droga aqui tu fica com a outra metade”. Foi quando eu comecei a sair pra festa direto, eu comecei a vender droga.

Vender droga é assim: tu vende, por exemplo, eles te dão cem reais em droga pra vender, aí se tu vende cem reais, aí cinquenta reais é seu, cinquenta reais é da pessoa. Então, você não pode gastar, porque se você gastar já tá correndo risco de vida, porque eles vêm, eles querem fazer o acerto. Eles te matam, eles pensam só em besteira, eles te ameaçam, eles falam que eles vão mexer com alguém da sua família, eles vão pegar algum colega teu, tu tem que dar um jeito de pagar aquilo, é a pressão da pessoa. Foi mais por isso também que eu parei de mexer com isso, porque eu nunca gostei de pessoas me pressionando.

Eu experimentei as três drogas: o pó, a maconha e a pasta. Eu lembro que quando eu experimentei o pó, pelo nariz que o pessoal cheira, não gostei, ardia muito o meu nariz. Eu fiquei assustado. Eu não conseguia dormir, não conseguia fechar meu olho. Outra vez, eu fui experimentar maconha e não gostei também, achei uma coisa tão ruim, aí foi só uma vez que eu experimentei. A pasta um amigo que me ofereceu, aí eu peguei, não tinha barreira mesmo, eu estava uma pessoa fora da realidade, uma pessoa perdida, aí eu fui, experimentei.

Eu pensei: eu não vou ter futuro. Não pensava em mais nada porque eu não tinha apoio, não tinha ninguém pra me ajudar nas coisas que eu queria, nas coisas que eu tinha vontade de fazer. Não tinha pessoas pra falar: “Vou te ajudar”. Não existia isso pra mim. Existiam só aquelas pessoas para falar: “Bora pra festa, pega dinheiro, mexe com isso, mexe com aquilo, faz aquilo”, só por causa de dinheiro. Eu só pensava em dinheiro e festa. Passava dias fora de casa. Pra mim, a noite era o dia e o dia era noite.

Eu queria conseguir dinheiro pra sair, pra beber, fumar cigarro, aí eu não tinha dinheiro que minha mãe não me dava, aí eu ia, metia a cara. O meu lema era topa tudo, não tinha assim: “Ah, eu tenho medo disso, não, tenho medo daquilo”.

Uma vez, assim, umas três vezes, uma colega minha me convidou... Tinham uns caras que gostavam de estar com pessoas mais novas, na rua, no carro. Aí foi que uma vez eu saí com umas pessoas só por causa do dinheiro. Era um ponto, um sinal ali, aí tinham uns cabras grandões, aí uma vez eu fui pra lá.

Chegando lá, o rapaz me viu, aí ele pegou e falou, apontou pra mim. Eu conversei do vidro, porque também eu sempre tive um pouquinho de medo, porque eu vi aquele negócio ruim na televisão, o pessoal matava. Eu falava: “Aí, será que vão vender meus órgãos?”. Daí: “Não, não vai, eu conheço ele”, não sei o quê. Eu tive uma relação com ele, aí depois ele me pagou. Não senti prazer, não senti nada, pensava em terminar aquilo pra eu pegar meu dinheiro.

Uma vez eu fui, aí era um homem forte, assim, ele era muito bonito, aí chegando lá, aí eu não queria, não queria esse dia, aí foi que ele pediu pra mim, aí eu entrei, aí a gente saiu, andando de carro, eu falei: “Tá ficando muito longe do meu bairro”. Ele parou assim num lugar fechado, eu fiquei logo assustado, aí eu peguei, eu meti a mão, peguei logo uma chave assim, aí eu fiquei segurando a chave na mão, lá onde a gente alugou pra gente dormir, aí eu fiquei segurando a chave assim, ele falou: “Tá com medo?”. Aí eu falei: “Não”. Eu falei: “Não, não tô com medo”. Ele falou: “Tá nervoso?”. Eu falei: “Também não”. Aí foi que, aí ele começou me puxar à força, aí foi chato, que eu não queria assim, foi uma coisa obrigada.

Aí aconteceu tudo lá à força, aí ele deu a volta no carro, aí eu pegava, eu falava pra ele: “Deixa eu descer, tu já fez o que tu queria, deixa eu descer agora”. Ele falava: “Não, eu vou te deixar lá no local onde tu, onde eu te peguei”. Eu falei: “Não, deixa que eu vou daqui”. Aí chegou lá, ele me deixou lá, aí ele foi embora, mas aí eu parei também.

Minha vida na exploração sexual durou dos meus quinze até os dezessete anos, até eu entrar no projeto. A oportunidade de mudar de vida surgiu quando um homossexual me parou de madrugada, eu estava andando na rua umas quatro horas da manhã, eu e dois colegas meus, aí foi que ele me chamou, ele perguntou se eu queria ir, participar de um projeto que ia me ajudar, no começo eu não queria, mas eu fui, me inscrevi no Projeto ViraVida.

Antes de eu entrar no projeto, as pessoas me encaravam, por exemplo, eu ia na casa de alguém: “Não deixa esse menino entrar, ele pode ter doença, dá o copo separado pra ele”. Aí eu me sentia mal, eu me sentia chateado.

No começo, quando eu entrei no projeto, eu não contava a minha história, contava só o começo, porque o pessoal começava a rir de mim, começava a debochar de mim, eu não gostava. Aí quando a equipe do projeto, as meninas, elas me perguntavam, eu contava pra elas, elas conversavam, elas mandavam parar com isso, estavam sempre me apoiando, sempre aquelas mil maravilhas comigo. Nunca foi de a gente chegar assim “Olha isso e isso”, elas me trataram mal, não: “Olha é assim e assim”, não, foi sempre conversando, sempre tratando bem. Eu me senti bem lá.

Tinha o jeito de cada uma, tinha a mais brincalhona, tinha a bonequinha, tinha a branquinha, tinha a mandona... Aí sempre eu vou guardar elas na memória porque elas foram a família que eu não tive na infância, de me apoiar, de conversar comigo, de me compreender, entendeu? De sentar: “Olha, senta aqui, é assim, assim, assim, vai acontecer assim”, sempre foi assim, não foi como minha família.

Eles começaram a me mostrar vídeos, histórias de pessoas de fora. Foi assim que eu vi que eles tinham a mesma vida que eu e que conseguiram... Aí foi que eu parei e pensei, fiquei pensando: “Poxa, o que eu tô fazendo da minha vida? O que tá acontecendo comigo?”.

Eu fui com a intenção de fazer o curso de cabeleireiro, eu fiquei morto de feliz! “Eu vou fazer o curso de cabeleireiro, se me mandarem escolher, vou escolher!” Eu cheguei lá e não tinha, me falaram que tinha Hospitalidade e Turismo, foi o que eu aceitei, acho bacana a pessoa trabalhar em hotel, chegar no hotel: “Boa tarde”. Acho tão bonito! Aí foi que eu aceitei, eu comecei a fazer o curso de Hospitalidade.

Teve uma parte de bartender, que eu aprendi a fazer bebidas. Teve a parte de técnicas em vendas, como falar, como conversar com a pessoa, como se expressar, que realmente eu não tinha papas na língua, falava palavrão adoidado. Aí, por exemplo, se eu chegasse na rua, o pessoal falava: “Oi, Eric”. “Que é cara? O quê que tu quer?”, não tinha papas.

O nome do projeto é o que aconteceu comigo, ViraVida. Foi uma mudança cem por cento, foi uma coisa assim, aconteceu, foi muito, muito emocionante. Uma coisa que eu não consigo nem pensar é no final do projeto, me dá vontade de chorar, as pessoas que eu conheci lá, aí, não gosto de pensar no final, tá chegando a formatura, aí, ixi, vai ser uma coisa emocionante.

Antes eu não pensava no futuro, não existia futuro pra mim. Só era curtidão, curtidão, curtidão, agora, eu já tenho as minhas coisas, já posso comprar minhas coisas, invisto nas minhas coisas. Quando eu comecei o curso de cabeleireiro, comprei chapinha, comprei secador, comprei logo todas as coisas de cabeleireiro, fui treinando na casa dos outros, da minha tia.

Eu fiquei mais feliz agora no final que eu vim saber que eu vou fazer o curso de cabeleireiro, aí eu fiquei muito feliz. É a coisa que eu mais quero! Cabelo é uma coisa que eu faço com vontade, eu faço com alegria, eu sinto, eu gosto de fazer aquilo. Tenho jeito de fazer aquilo, não sou obrigado, não me sinto forçado.

Acho que é por isso que me identifico muito, porque eu acho que pra pessoa fazer uma coisa assim, ela tem que fazer o que gosta, trabalhar no

que gosta pra fazer uma coisa bem feita, aí eu acho que é por isso que todos os meus trabalhos são muito bem elogiados, porque é bem feito e eu gosto de fazer aquilo.

Eu chego às vezes nas meninas do projeto, eu chego, passo a mão no cabelo delas, já fazendo trança, já dando dica: “Ah, corta assim, corta aqui, repica aqui”. Quando eu vejo penteados em revistas, eu fico olhando assim, eu olho uma vez, pronto: faço. O que eu mais quero é ser um cabeleireiro profissional de gente famosa e montar meu salão, ter uma coisa assim pra dizer, pra olhar assim e saber que é meu, que eu não tô fazendo aquilo pra ninguém.

Nesta entrevista foram utilizados nomes fantasia para preservar a integridade da imagem dos entrevistados. A entrevista na íntegra bem como a identidade dos entrevistados tem veiculação restrita e qualquer uso deve respeitar a confidencialidade destas informações.

[PDF do Depoimento Completo](#)